



Jornal Académico

Juntos Superamos Desafios!



Desfile com o tema Vi(R)ver a Escola que integrou alunos do pré-escolar ao 12.º ano do nosso Agrupamento e com a participação do Agrupamento de Escolas Pedro Alexandrino.

NESTA EDIÇÃO:

Projeto das Abelhas – 3.º Ano A - EB Coruchéus

Página 4

Turmas do 5.º ano destacam a Educação de Qualidade em projeto interdisciplinar

Página 8

Alunos do 8.º e 9.º ano brilham em concurso de leitura de poemas em francês

Páginas 12

Reabilitação de Bancos do Pátio Escolar - ESRDL

Página 17

Momento Reais

Realizou-se a inauguração da requalificação da EB + JI Santo António.

No âmbito do lema do Agrupamento, Juntos Superamos Desafios, realizou-se o desfile com o tema Vi(R)ver a Escola.

Páginas 14 e 15



O Prémio Literário foi atribuído aos textos escritos pelo 3.º-B da EB dos Coruchéus.

E passaram quarenta e cinco anos e cinco meses, mais dia, menos dia (também o que é que isso interessa???)

Sempre Entre palavras em Português e lições na mesma língua!

Foi nos idos anos oitenta que a campainha tocou pela primeira vez e, apresentei-me.

Tinha acabado de fazer vinte anos e, na força desta idade, apesar de já ter feito um estágio e ter experimentado a sensação primeira de estar numa sala de aula, não sabia bem ao que ia, mas lá entrei! “Não te esqueças de entrar com o pé direito!” – diz-se sempre para qualquer coisa que se inicia, mas nem reparei se foi ou não esse lado (tive sempre problemas com a lateralidade!).

Tinha nas mãos o papel principal e aí estava eu, em cima do palco, sem qualquer telepono, com o friozinho na barriga que nunca, em cada recomeço, deixei de sentir (Esta peça era real eu era a protagonista de carne e osso). Entrava em cena, lado a lado, com a outra de mim que gostava das artes do espetáculo. Fiz as duas coisas até ao momento em que sintetizei as duas *performances* nesta profissão que abraço e, desde aí até hoje, quarenta e cinco anos passaram.

Entre as duas, a única diferença estava nos “espetadores” que se pretendia serem ativos e intervenientes (apesar de hoje, na ficção artística, também não precisarem de ser passivos). Não batiam palmas, nem aclamavam a atriz, mas os seus olhares, como os bilhetinhos deixados na janela do carro (os mais pequenos) não me deixavam desistir (A verdade é que nunca pensei nisso!).

O certo é que cheguei até aqui e, naquele mês de agosto de dois mil e vinte e quatro, cumpriu-se o tempo.

Decidi ficar mais um ano e, depois de tanto tempo, ainda me entusiasmo! E o meu entusiasmo é com coisas tão simples como, “professora, aquele poema é mesmo fixe!”, com o Laboratório LED que estará daqui para a frente ao serviço de quem quiser ensinar aliando o antigo ao moderno (porque não podemos meter a cabeça na areia)

Nem tudo foi um mar de rosas! Mas acho que valeu a pena!

Lucília Cid



Nesta Edição

Boas Férias e ... Boas ... Ideias	3
Tamanho S	4 a 7
Tamanho M	8 e 9
Tamanho L	10 a 13 e 16
Momentos Reais	14 e 15
Tamanho XL	17 a 21
Tamanho XL	22 a 24
SPO	25
CREM	26
Tamanho XXL	27
Despedidas	28

- FICHA TÉCNICA -

COORDENAÇÃO: Fátima Magalhães, M^a dos Anjos Queimada, M^a Lucília Cid e Sarah Serra

COLABORAÇÃO: Adriana Fernandes, Augusta Crespo, Eunice Duarte, M^a Manuela Ramos

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR

Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa

<http://www.aerdl.eu>

Mais um ano letivo que chega ao fim.

Ajudar os nossos jovens a serem cidadãos responsáveis, solidários e empáticos, é um desafio que juntos procuramos superar.

Exige um trabalho conjunto e continuado, entre alunos, professores, assistentes operacionais, pais e encarregados de educação, nem sempre fácil de alinhar, mas que é fundamental para o crescimento da comunidade educativa.

Ser professor é muito mais que uma profissão, é uma missão, exigente, onde desistir não é opção, sob pena de comprometer a sociedade do futuro.

Como sempre, desejamos que o período de férias seja, para todos, um momento de descanso e renovação.

A Direção



Ideias em Cadeia

Caro Leitor,

Na última crónica, prometi-lhe voltar ao tema da sociedade adolescentizada e do seu impacto sobre a escola. Volto agora, com mais alguns elos desta cadeia de ideias, que não me larga e que, confesso, se tornou ainda mais insistente à medida que os dias passavam.

Começo com uma constatação que não é nova, mas que se agudiza: os meus alunos, de modo geral, já não se querem superar, já não querem fazer os trabalhos bem feitos. Não é que não queiram aprender — muitos querem — mas não querem esforçar-se para aprender. O esforço, essa palavra que associamos a crescimento, superação e até a orgulho, tornou-se uma palavra desagradável, desconfortável. Quando lhes proponho um desafio, uma tarefa mais exigente, uma meta que implique persistência, a reação não é de uma resistência saudável, mas de recuo. Desistem antes de tentar, e fazem-no com a serenidade de quem acredita que não vale a pena lutar contra o desconforto.

Vivemos imersos num tempo em que a dificuldade se confunde com a opressão. E este modo de pensar não nasce apenas nos alunos. É alimentado, muitas vezes, pelos próprios Pais, que — movidos por uma ideia de proteção, que até posso entender — desejam acima de tudo que os filhos sejam felizes. O problema é que, para muitos, a felicidade é sinónimo de ausência de frustração, de exigência, de confronto com limites próprios ou impostos.

Tenho muito presente uma conversa com um Pai de um aluno, em que este me disse: “Para muitos jovens, a primeira vez que ouvem um “Não” é na escola!”

Meu Prezado Leitor, é aqui que entra o verdadeiro dilema: temos famílias que querem proteger os filhos do esforço, da tristeza e da experiência de falhar, e uma escola que, para ser escola, tem precisamente de os expor — com sentido e justiça — a tudo isso. O confronto é inevitável. Porque a escola não é (nem pode ser) o lugar do conforto permanente. É o lugar da construção. E construir dá trabalho, custa esforço e exige persistência.

O resultado é que os nossos adolescentes e jovens já não têm necessidade de esforçar-se, pois perante as dificuldades culpam tudo e todos, exceto a sua falta de empenho.

Em consequência, a escola, os professores, são empurrados para a função de entretenimento onde não se pode desagradar, frustrar, ou exigir demasiado. Como se a exigência, por si só, fosse um risco. Como se formar, fosse o mesmo que agradar.

Como o meu Estimado Leitor compreende, a escola não é um spa emocional. E os adolescentes e jovens não ficam traumatizados por lhes pedirmos que deem o melhor de si. O maior dano que lhes causamos é o de ficarem convencidos de que não são capazes, ou de que o mundo é que se ajustará, sempre, à sua vontade.

É urgente resgatar o valor da superação. É urgente voltarmos a ensinar — com palavras e com exemplo — que o desconforto faz parte do processo de aprender. Que errar, voltar a tentar e persistir, são atitudes que fazem parte do quotidiano de qualquer pessoa.

E com isto me despeço, meu Estimado Leitor, e regressaremos na edição número 100, do Jornal Académico.

Com elevada estima,

Fátima Magalhães

Projeto das Abelhas – 3.º Ano A - EB Coruchéus



Abelhas por
todo o lado.

A colmeia do Kiko

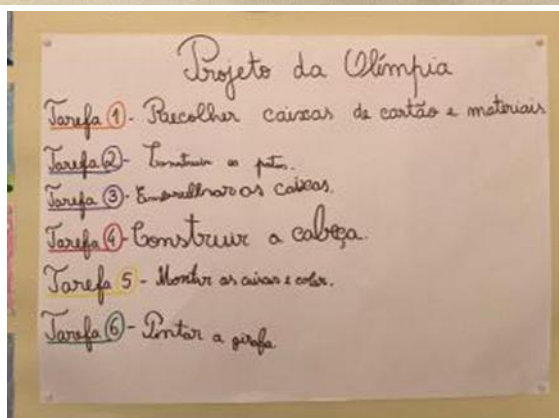


Projeto 2.º Ano B – A girafa que comia estrelas



A turma do 2.º B da Escola Básica dos Coruchéus tem em mãos um novo projeto: Livro - A girafa que comia estrelas.

Todas as disciplinas num só projeto – português, matemática, estudo do meio, expressões. Um projeto com várias tarefas, desde a recolha de materiais, montagem, pintura e adereços.



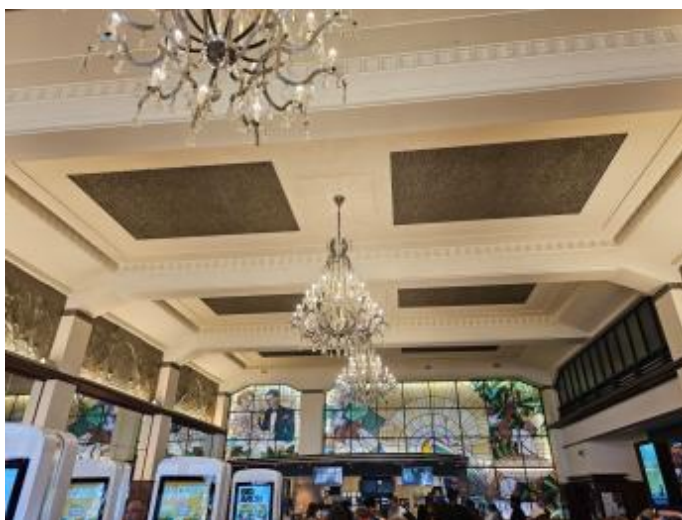
Passeio final de ano – 4.º Ano

Os alunos de quarto da Escola Básica dos Coruchéus viajaram até à Cidade do Porto no dia 9 de maio.

Visitaram a Fundação Serralves e o World of Discoveries!

Almoçaram no restaurante de fast food mais bonito do mundo.

Fica assim uma memória especial deste último ano na nossa escola.



Textos do 3.ºB – EB Coruchéus

Os alunos do 3.ºB dedicaram-se com entusiasmo ao aperfeiçoamento de texto em contexto coletivo. A partir das produções individuais, participaram em momentos de partilha, escuta ativa e revisão colaborativa, refletindo sobre o que já estava bem e o que pode ser melhorado. Este processo valorizou a escrita como uma construção conjunta, incentivando o espírito crítico, a atenção à linguagem e o respeito pelas ideias dos colegas.

Ao aventura na Amazonia

No dia 1 de agosto, no Brasil, uma mulher de 20 anos chamada Julieta decidiu aventurar-se sozinha na Amazonia. Estava com medo, mas confiava em si própria - e isso é que importa! Assim que entrou na floresta, enfrentou grandes desafios. Logo à chegada, encontrou uma cobra azul, que se sentiu ameaçada e tentou mordê-la. Julieta, assustada, passou por um momento e depois fugiu, deixando para trás a sua mochila.

- Ufa! Consegui escapar desta cobra horrível! Ocho que vou ter de me habituar a estas infestâncias...

Uma hora depois daquela desagradável experiência de estar diante a lutar pelo território: um jaguar e uma onça negra.

Um queimado à frente, avistou uma fumaça retorcida de um fado de lamento. Então, uma sua fumaça, que tinha no bolso, para medir o comprimento: move mãos e como contínuo! Porém, assim que a serpente a viu, atacou-a ferozmente e mordeu-a na parte de trás do corpo.

Ferida e a sangrar, Julieta começou deixando um rasto de sangue até encontrar a sua mochila que estava perto da cobra azul. No interior tinha um kit de primeiros socorros, uma seringa de adrenalina e um telemóvel para pedir ajuda...

Por fim, conseguiu chegar a casa em segurança. Os seus pais contou-lhes a sua feroz aventura na Amazonia, que rapidamente se tornou famosa em todo o mundo!

Conclusões

- Escrever repetições;
- Corrigir os erros de ortografia;
- Os erros estruturais - se com letra minúscula;
- Pontuação e estrutura das frases;
- Título só se escreve no final;

Tudo
Tudo melhorado com a ajuda

Tubi e Bei: A missão

Nas profundezas do oceano Pacífico habita na Bei, uma baleia azul com 7 metros de comprimento, muito solitária. Bei não tinha amigos porque quando nadava até à superfície do mar ficava completamente forta devido ao petróleo derramado pelos navios. Normalmente, quando duntava ao do seu nariz, saía petróleo com água que ficava contaminada. Por isso, os outros animais assustavam-se, ficavam chateados e gritavam que era repugnante.

Vindo do arquipélago dos Açores, Tubi, o tubarão-lua, que mede 70 centímetros, ouviu o som das lambeiras da baleia, foi lá ter com ela e perguntou-lhe o que se passava. Bei respondeu-lhe que não queria falar sobre isso. Tubi, como sempre muito perspicaz, reparou que Bei estava a passar pela mesma situação que ele passou há quatro anos.

Decidiram fazer alguma coisa em relação a isso e passaram a tarde a escrever uma carta aos pescadores de todo o mundo, pedindo-lhes que não deixassem petróleo à beira-mar, porque se quisessem comer peixe mais tarde não iriam ter. Também lhes deram sugestões sobre o que fazer com o petróleo derramado e, claro, não se esqueceram de assinar!

Fizeram uma longa viagem até aos Açores, onde entregaram a carta às equipas de proteção marítima, que ficaram responsáveis por partilhá-la com todos os pescadores.

Bei e Tubi ficaram conhecidos como "Protetores dos Ecossistemas" em todos os lugares do mundo: rios, lagoas, mares, riachos. Os pescadores ajudaram os dois amigos na sua missão, e estes ficaram com amigos fortes em todo o oceano.

Conclusões melhoradas de texto:

- Corrigir erros ortográficos;
- Descrever os personagens;
- Perceber que a pontuação muda o significado das frases;
- O texto deve estar sempre no mesmo tempo verbal;
- O tubarão-baleia como personagem;

Projeto *Why Lab* – 2.º Ano A – EB Coruchéus

Através da experimentação desenvolvemos a curiosidade, a criatividade e o conhecimento do mundo real.

Foram desenvolvidas várias competências: trabalho em equipa, capacidade de observação, confiança, autonomia e resiliência.



Parceria - 2.º Ano B da EB Coruchéus com o 7.º Ano D da EB Eugénio dos Santos

Mais um encontro entre os alunos do 2.º Ano B e 7.º Ano D.

Os alunos do 2.º Ano elaboraram um marcador de livro para os colegas do 7.º Ano.



Juntos trabalhámos o texto poético.



Turmas do 5.º ano destacam a Educação de Qualidade em projeto interdisciplinar

As turmas A, B e C do 5.º ano desenvolveram um criativo projeto no âmbito dos Domínios de Autonomia Curricular (DAC), tendo selecionado o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de Qualidade – como tema central.

Em articulação entre várias disciplinas — História e Geografia de Portugal, Português, Educação Visual, Educação Tecnológica, Formação Cívica e Cidadania e Desenvolvimento — os alunos desenvolveram atividades diversificadas, que combinaram pesquisa histórica, escrita criativa, expressão plástica e reflexão sobre os direitos fundamentais. Selecionaram figuras históricas relevantes, escreveram adivinhas inspiradas nas biografias dessas mesmas figuras e, ao mesmo tem-

po, criaram máscaras representativas dessas personalidades, combinando assim criatividade com conhecimento.

O resultado final dos trabalhos foi apresentado numa exposição no Dia do Agrupamento, com o intuito de assinalar a importância da educação de qualidade como um direito fundamental.



Fui rainha de Angola, sempre guerreira,
Ajudei o meu povo contra o mal,
Resisti à ocupação de Portugal,
De toda e qualquer maneira.
Quem sou eu?

Nzinga Mbandi



Fui duquesa e vice-rainha,
Nasci na terra vizinha,
Procurei poder, mas também intriga,
Entre Portugal e a terra vizinha.
Quem sou eu?

Margarida de Saboia



Para Inglaterra vou,
Ensinar aqueles sem maneiras,
Toda a gente o chá provou,
Não sou nada de brincadeiras.
Quem sou eu?

D. Catarina de Bragança



O primeiro e valente rei,
Fundador de Portugal,
Com coragem a minha espada erguia
E a nação defendia.
Quem sou eu?

D. Afonso Henriques



Conquistei terras sem fim,
Veni, vidi, vinci, palavras em latim,
Que eu sempre proferi,
Até alguém me pôr fim.
Quem sou eu?

Júlio César



Eleito rei nas cortes de Coimbra,
Venci a batalha de Aljubarrota,
A mim ninguém me derrota,
E não me esqueci de nada ainda.
Quem sou eu?

D. João I



Naveguei nos mares sem parar,
A terra toda fui contornar,
Morri antes de ver o fim,
Mas o mundo percorri assim.
Quem sou eu?

Fernão de Magalhães



Meu pai tornou-se rei,
Mas eu não o sou nem serei,
No princípio dos Descobrimentos,
Em caravelas naveguei,
No Mosteiro da Batalha,
Com Deus me enterrei.
Quem sou eu?

Infante D. Henrique



No século XIV, com talento e visão,
Escrevia crônicas da nossa nação,
Histórias de reis e traição,
Escrevi sempre com distinção.
Quem sou eu?

Fernão Lopes



Nasci princesa portuguesa,
Fiz do chá uma relíquia inglesa,
Rainha consorte me tornei,
Casada com rei inglês, meu destino tracei.
Quem sou eu?

D. Catarina de Bragança



Salvei Portugal,
De uma crise sem final,
Uni Portugal e Espanha,
Sem nenhuma artimanha.
Quem sou eu?

D. Filipe I

Aprender para saber como vou cuidar o meu, o teu, o nosso mundo.

No dia 3 de abril de 2025, a turma D do 7.º ano plantou, na Escola Eugénio dos Santos, uma Macieira Red Fuji, junto às árvores de fruto que se situam perto da cantina.

Esta atividade aconteceu no âmbito do projeto de DAC, cujo tema é "Aprender para saber como vou cuidar o meu, o teu, o nosso mundo."

Durante uma aula de Formação Cívica, os alunos da turma e a respetiva Diretora de Turma, a professora Helena Sousa, realizaram esta atividade com bastante empenho, entusiasmo e partilha de conhecimento e vontade de aprender.

A ideia de PLANTAR UMA ÁRVORE NA ESCOLA teve como principal objetivo sublinhar a valorização das descobertas dos alunos sobre a importância do cuidar, bem como do aprender para saber cuidar. E não estamos só a falar de árvores, mas de tudo o que frutifica.

Mais tarde, em sala de aula, foram trabalhadas em grupo-turma algumas reflexões, que partilhamos convosco:

Aquilo que semeamos/plantamos e cuidamos dará frutos. Começamos por ter que aprender a plantar: cavar, adubar, regar...

A árvore plantada, com a participação de todos, é o símbolo das nossas escolhas e ações. Vivemos semeando árvores: as nossas escolhas e ações têm consequências (e vão dar frutos de acordo com a árvore); aquilo que plantamos juntos fortifica o 'NÓS'.

A espera pelos frutos implica paciência, esperança e o cuidado continuado da árvore.

A árvore é um ser vivo que depende do nosso cuidado e depois do cuidado de outros, quando nós seguirmos para outro lugar da nossa vida.

A árvore cuidada irá crescer e dará fruto. Tal como Eu!

Quando passarmos pela Av. de Roma, junto à Escola, vamos poder contemplar a árvore e deixar que ela nos interpele e cuide, pelas emoções e reflexões que em nós despertará.



A turma do 7.º D

Um Dia na Lagoa de Albufeira

No dia 9 de maio, as turmas do 9.º ano da Escola Eugénio dos Santos participaram na atividade "Um Dia na Lagoa de Albufeira", dinamizada pelo grupo de Educação Física.

Ao longo do dia, os alunos experimentaram diversas atividades ao ar livre, como paddle, canoagem, lasertag, orientação e jogos de praia.

O ambiente descontraído e o entusiasmo com que todos participaram tornaram esta experiência especialmente agradável.

No final, a opinião foi unânime: foi um dia bem passado, cheio de energia e boa disposição, em que as atividades permitiram não só divertimento, mas também o reforço do espírito de grupo e o gosto pelas atividades ao ar livre.



O Mar

O mar é azul
Mas também esverdeado
Dependendo do seu lugar no mundo
E o quão ele é profundo

O Mar é salgado
Com um sabor amargo
Mas está sempre a brilhar
À luz do luar

O Mar está repleto
De cores e aventuras
E ao mesmo tempo
Um mundo de desventuras

O Mar faz-me pensar
Rir e chorar
Quero sempre lá voltar
Para o poder apreciar

Beatriz

Visita ao MUDE– Um olhar criativo sobre o quotidiano

No dia 23 de abril de 2025, todas as turmas do 8.º ano realizaram uma visita de estudo ao Museu do Design, situado na Baixa de Lisboa. Esta visita permitiu que os alunos tivessem um contacto direto com objetos de design, promovendo a reflexão sobre a importância do design no quotidiano e o seu papel enquanto forma de expressão artística, funcional e cultural. A visita foi enriquecedora a vários níveis, tendo suscitado reflexões interessantes por parte dos alunos:

"Antes de mais, gostaria de falar sobre a localização deste museu, que me parece completamente acertada, tendo em conta que, nos arredores deste museu, existem estruturas diretamente conectadas ao design (por este ser uma arte, logo uma maneira de nos expressarmos), como o Chafariz e outros espaços como este, que transmitem muito esta ideia de criatividade e liberdade de pensamento. Mas também, "personalidades" como a própria Baixa e Chiado, que parecem ter vida própria, parecem alegres, nunca cansadas, parecem vividas e jovens."

André Costa

"Uma das peças de que mais gostei foi uma cadeira que era feita de plástico reutilizado, havia um género de molde

com todas as partes que depois tinham de montar. Esta peça foi a que me chamou mais a atenção, pois numa época em que estamos a lutar contra o desperdício e a poluição, e que é muito importante pensarmos na origem dos objetos que possuímos e o que foi gasto para os obter, esta peça pode fazer a diferença e ajudar a mudar o mundo."

Laura Wallenstein

"Foi uma visita bastante interessante e que estava bem organizada. Vão lá, mas recomendo que também façam com um guia, pois vão perceber muito mais o propósito das peças."

Vasco Espírito Santo

"O que mais me surpreendeu nessa visita foi a curiosidade dos designers, que experimentam novos materiais e formas, fazendo sempre algo que facilita o nosso quotidiano."

Tilda do Nascimento

"Uma peça de design que me chamou a atenção foi um vestido preto e curto, inspirado na ida do homem à lua pela primeira vez. O designer incluiu retângulos prateados na parte da frente do vestido."

Maria Baptista

"O design tem um grande impacto na nossa vida diária, pois basicamente tudo o que nos rodeia é fruto do design."

Beatriz Raposo

"É muito importante, pois é onde tudo aquilo que vemos no nosso dia-a-dia (que foi feito por humanos) nasceu. E é onde todas as ideias começam a criar vida."

Tiago Abreu



Cartinha para iniciantes do 7.º ano

Lisboa, 14 de Maio de 2025

Olá, Alunos do 6.º Ano!

Somos a Verónica e a Ivanisy do 7.º A.

Queríamos dizer-vos que o 7.º Ano não é tão difícil como parece ser. No começo, as matérias podem parecer um pouco difíceis mas, com paciência, esforço e muito estudo, vão ver como é fácil.

Na Matemática, vão aprender matérias muito fofinhas (como nós costumamos dizer) e muito úteis para as vossas vidas. Uma das nossas matérias preferidas foi a semelhança de figuras.

As matérias vão ser interessantes não só na Matemática como também nas outras disciplinas. E também vão ter uma disciplina nova: Físico-Química, que é muito fixe.

Um conselho que damos é que, mesmo que as matérias sejam um pouco difíceis, só necessitam de ter paciência e jamais desistir!

Beijinhos de

Ivanisy e Verónica

A Natureza

Irás encontrar

Na bonita natureza

Caminhos para apreciar

E vida com pureza

Animais de todo o tipo

Montanhas, rios e vales

Passarinhos escondidos

Tudo para procurares

Flores de todas as cores

Floridas ou não

O seu maravilhoso cheiro

toca no meu coração

São as flores

De diferentes tonalidades

Com variadas cores

Nada a ver com a cidade

Miguel Ferreira e Matilde Liz

Tamanho L

No dia 29 de Maio, a turma 7*1 composta por vinte alunos, participará na Marcha subordinada ao tema "Vi (r) ver a Escola".

O traje, "Parangolé" que os vestirá, foi realizado na disciplina de Oficina de Criação Artística com o acompanhamento da prof.ª Lúcia Garcia Ribeiro.

O "Parangolé" vem da gíria e significa uma palavra como "pagode", alegria ou diversão. Cada aluno desenhou o seu tema e a partir de movimentos da dança o "parangolé" ganha conceito formal permitindo que a criança solte o seu estado emocional.



Acho que vai ser engraçado! Sinceramente, foi a ideia que me ocorreu para os alunos desfilarem com algum pagode artístico!!!



Alunos do 8.º e 9.º ano brilham em concurso de leitura de poemas em francês

Durante o 2.º período, as turmas de 8.º e 9.º anos da Escola Secundária Rainha D. Leonor participaram com entusiasmo num concurso de leitura de poemas em francês, iniciativa que procurou valorizar a expressão oral, a sensibilidade poética e o contacto com a língua e cultura francófonas.

O evento, que ocupou quase todo o mês de março durante uma parte das aulas de francês, contou com momentos de grande qualidade interpretativa, tendo sido particularmente notáveis as leituras de Enzo Santana, da turma 8.º 3.ª, e de Afonso Miguel, Francisco Bravo e Luísa Santos, da 8.º 5.ª, que deram voz ao clássico La mer, de Charles Trenet, com

emoção e excelente dicção.

Do 9.º ano, destacaram-se Ari Erroyaux e Rodrigo Pinto, da turma 9.º 1.ª, e Joana Furtado, do 9.º 2.ª, pela sua sentida leitura de L'hymne à l'amour, de Édith Piaf. Também Inês Nogueira e Leonor Machado, da turma 9.º 4.ª, impressionaram com uma leitura expressiva e madura de L'homme et la mer, de Charles Baudelaire.

A iniciativa revelou não só o talento dos alunos, mas também o seu empenho no estudo da língua francesa. Parabéns a todos os participantes!



Concurso Que vois-tu au fond des océans?

A 6 de junho, ficaremos a conhecer os vencedores do Concurso Que vois-tu au fond des océans ?, organizado pela Associação Portuguesa de Professores de Francês (APPF) sobre a defesa da vida marinha. Eis aqui os cartazes do Agrupamento enviados:



Sofia Moraeira



João Calisto



Guilherme Raposo



“O Príncipezinho”: um clássico que continua a tocar os jovens corações



Le Petit Prince, de Antoine de Saint-Exupéry, como um dos livros que mais os marcou — prova de que os grandes clássicos

No âmbito do concurso Miúdos a Votos 2025, os alunos do Ensino Secundário do Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor elegeram O Príncipezinho (Le Petit Prince), de Antoine de Saint-Exupéry, como um dos livros que mais os marcou — prova de que os grandes clássicos

continuam a emocionar as novas gerações.

Publicado pela primeira vez em 1943, nos Estados Unidos, este conto poético e filosófico é, hoje, uma das obras mais traduzidas e lidas em todo o mundo, com mais de 500 traduções e mais de 200 milhões de exemplares vendidos. Embora pareça um livro infantil, trata de temas profundos como a amizade, a solidão, a perda, o amor e o sentido da vida.

O seu autor, Antoine de Saint-Exupéry, foi piloto de aviação, jornalista e escritor. Desapareceu misteriosamente durante uma missão aérea em 1944, no final da Segunda Guerra Mundial. A sua escrita une a experiência humana aos valores universais, tendo criado nesta obra uma metáfora intemporal sobre o essencial invisível aos olhos.

Como lembra o Príncipezinho:

“On ne voit bien qu’avec le cœur. L’essentiel est invisible pour les yeux.”

Les femmes extraordinaires : un projet du 9e 3e en Français



No âmbito do Domínio de Autonomia Curricular (DAC), a turma do 9.º 3.º do Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor desenvolveu, na disciplina de Francês, um trabalho dedicado ao tema «Femmes extraordinaires», centrado no contributo de várias mulheres para a humanidade, bem como nos obstáculos que enfrentaram ao longo das suas vidas.

Os alunos pesquisaram e apresentaram figuras femininas marcantes da história e da cultura francófona. Entre elas, destacam-se:

- ♦ Olympe de Gouges, autora da Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne, pioneira na luta pela igualdade de género e contra a escravatura;
- ♦ Simone de Beauvoir, filósofa e autora de *Le Deuxième Sexe*, obra fundamental do feminismo;
- ♦ Gisèle Halimi, advogada e ativista pelos direitos das mulheres e contra o colonialismo;
- ♦ Alice Milliat, promotora do desporto feminino e fundadora dos Jogos Mundiais Femininos;
- ♦ Paulette Nardal, precursora do feminismo negro e da lite-

ratura da negritude;

- ♦ Jeanne Barret, primeira mulher a dar a volta ao mundo disfarçada de homem;
- ♦ Simone Veil, sobrevivente do Holocausto e promotora da legalização do aborto em França;
- ♦ Marie Curie, cientista pioneira na investigação da radioatividade, vencedora de dois Prémios Nobel.

Outras figuras como Colette, George Sand, Aliénor d’Aquitaine ou Jeanne d’Arc também foram estudadas, mostrando a diversidade dos papéis desempenhados pelas mulheres ao longo dos séculos.

Este projeto permitiu aos alunos valorizar o papel das mulheres na história, desenvolver competências de pesquisa, escrita e comunicação em francês e refletir sobre igualdade de género e justiça social. Eis aqui alguns dos trabalhos:

https://www.canva.com/design/DAGmZdqZt4/KG89QsFn--3NlbGNH_qyaQ/edit?utm_content=DAGmZdqZt4&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

https://www.canva.com/design/DAGm8PSaklc/pSj5idy3JLkgnu7Rz14zuA/edit?utm_content=DAGm8PSaklc&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

https://www.canva.com/design/DAGm_cUINUM/UI_XwdxfDtvRz1uBmFw/edit?utm_content=DAGm_cUINUM&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

https://www.canva.com/design/DAGm5wYx74E/1cWm5XKzK7cFMAAt-AoYXrq/edit?utm_content=DAGm5wYx74E&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

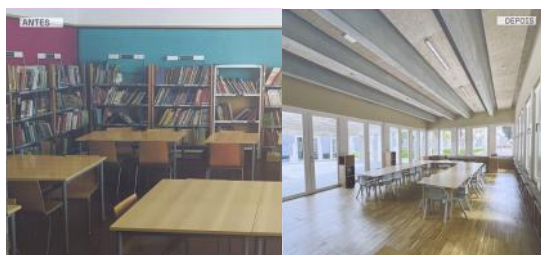
Énigme du 2e Trimestre - Solution

J’apparais une fois par minute, deux fois par moments et jamais dans un siècle. Qui suis-je?

M

Inauguração da requalificação da EB + JI Santo António

No dia 30 de maio, realizou-se a inauguração das obras de requalificação da **Escola Básica e Jardim de Infância Santo António** com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Engº Carlos Moedas.



Vi(R)ver a Escola

O Agrupamento de Escolas Rainha D. Leonor, numa parceria com a Junta de Freguesia de Alvalade, promoveu a mostra/ desfile de articulação entre a escola e a comunidade, que ocorreu no dia 29 de maio a partir das 9:30h, na Av. da Igreja. No âmbito do lema do Agrupamento, Juntos Superamos Desafios, realizou-se o desfile com o tema Vi(R)ver a Escola que aglutina os conceitos de uma escola vivenciada, participada e à vista de todos. Esta atividade, visou uma ligação efetiva de toda a comunidade à vivência das escolas.

A mostra integrou alunos do pré-escolar ao 12.º ano das escolas Coruchéus, Santo António, Eugénio dos Santos e Rainha D. Leonor. Contámos ainda com a participação do Agrupamento de Escolas Pedro Alexandrino como escola associada.

Agradecemos a todos os que se envolveram nesta atividade que foi uma festa do ensino e da cultura.

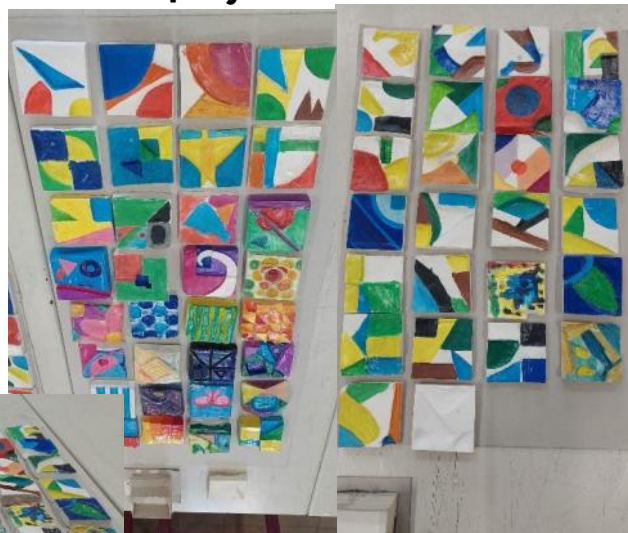
Estêvão Vidasinha e Paula Lima



Criatividade em exposição no Espaço de Artes



No Dia do Agrupamento, o “Espaço das Artes”, na Escola Eugénio dos Santos, mostrou a criatividade dos alunos, no âmbito da Educação Visual. Os alunos do 8.º ano realizaram módulos esculpidos em gesso, explorando formas, texturas e criatividade. Os trabalhos estiveram em exposição, no “Espaço das Artes”, permitindo à comunidade educativa apreciar as criações dos alunos.



Os alunos dos 7.º anos apresentaram bandas desenhadas originais, resultado de um trabalho orientado para a expressão gráfica e para o desenvolvimento do pensamento criativo. As pranchas estiveram em exposição revelando a imaginação e muita atenção ao detalhe.



No Dia do Agrupamento, assim estava a sala de HGP



Sessão **Motion Art** no auditório do Rainha



No dia 20 de maio teve lugar a sessão Motion Art no auditório do Rainha, dinamizada pelo grupo de mestrandos em ensino de Artes Visuais que se encontram sob orientação da professora Ana Conceição, em colaboração com a equipa do PNC - Plano Nacional de Cinema do Agrupamento.

Esta iniciativa dirigida à comunidade escolar, procurou ilustrar o processo de criação artística de um Projeto Multimédia, uma ferramenta de apoio ao ensino e aprendizagem, e por outro lado, dar a conhecer o trabalho de três realizadores portugueses de cinema de animação.

Foram projetados spots motion graphics de curta duração com conteúdos didáticos na área das Artes Visuais, desenvolvidos por alunos de mestrado em ensi-

no, na disciplina de Atelier de Computação Multimédia, lecionada pelo professor José Neves na Universidade Lusófona.

As etapas envolvidas na criação dos spots foram comentadas pelos mestrandos que desta forma, puderam esclarecer algumas questões, e por outro lado, sensibilizar a plateia para as potencialidades de utilização de técnicas audiovisuais no ensino das Artes Visuais, destacando-se entre elas, a facilidade de articulação com outras áreas disciplinares,



oficinas e clubes existentes nas escolas.

Neste seguimento, foram também exibidos e alvo de diálogo, os vídeos:

- “Os Demónios do Meu Avô”, de Nuno Beato: making of – 1º Episódio;

- O Peculiar Crime do Estranho Sr. Jacinto, de Bruno Caetano;

- T – Zero, de Vicente Niro.

Registos esses reveladores da importância do cinema de animação português partilhados - na plataforma de filmes do PNC e em festivais como o da Monstrinha - na formação escolar dos alunos nas diferentes vertentes que



compõem o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e as respetivas áreas de competências.

Os mestrandos: Cristina Rodrigues e Miguel Caldeira

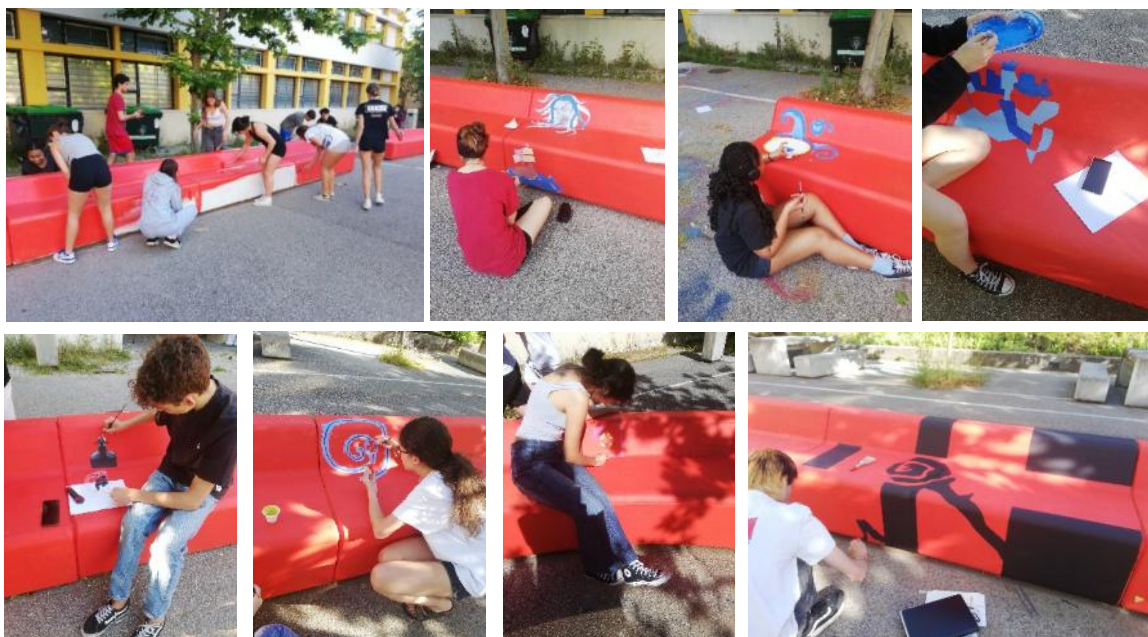
A coordenadora do PNC:
Eduarda Pina

Reabilitação de Bancos do Pátio Escolar - ESRDL

No mês de maio, os alunos de Desenho A, da turma 12º10, realizaram a pintura de reabilitação de alguns bancos do pátio da Escola Secundária Rainha Dona Leonor, a qual se encontrava em estado degradado.

A atividade decorreu sob orientação da professora Ana Conceição e da professora estagiária Cristina Rodrigues no âmbito da atividade DAC- Segurança, Defesa e Paz | Solidariedade e Voluntariado e dos trabalhos artísticos desenvolvidos em aula sob o tema da obra poética “Mensagem” de Fernando Pessoa.

A iniciativa de reabilitação dos bancos foi motivante para todos os alunos da turma que desta forma, se preparam para seguir percurso escolar no ensino superior deixando um legado na escola como despedida dos momentos de aprendizagem e convívio usufruídos.



Cimeira das Democracias 2025

A Cimeira das Democracias, realizada no dia 29 de abril de 2025, na Universidade Católica Portuguesa, surge num momento crítico para a democracia global. Perante o aumento do autoritarismo, da polarização política e da desinformação, eventos como este tornam-se essenciais para reafirmar os valores democráticos, especialmente junto dos mais jovens. Ao centrar-se num dos temas mais controversos da atualidade — Migrações: Oportunidades e Desafios — a Cimeira conseguiu promover uma reflexão profunda e necessária em busca de soluções mais justas, coesas e eficazes.

A Sessão de Abertura da Cimeira das Democracias contou com a presença da Excelentíssima Diretora do Instituto de Estudos Políticos, Professora Doutora Mónica Dias, e do Coordenador da Licenciatura, Professor Doutor Orlando Samões. Ambos deram início ao evento refletindo sobre as adversidades enfrentadas diariamente pelos migrantes — muitas vezes desconectados da sociedade, perdidos, sem bateria no telemóvel, sem informação ou alguém a quem pedir ajuda. Esta realidade foi comparada ao recente apagão europeu, que deixou muitos jovens alarmados pela falta temporária de acesso a meios de comunicação, notícias e transportes. Contudo, como bem destacou a Doutora Mónica Dias, aquilo que para nós foi uma catástrofe momentânea é, infelizmente, o quotidiano silencioso de milhares de pessoas no nosso Mundo que lutam diariamente por uma vida mais digna. Logo na primeira sessão do dia, os participantes tiveram, assim, um verdadeiro momento de choque e reflexão sobre a responsabilidade das nossas ações para com os migrantes e sobre a nossa postura perante o tema da Cimeira deste ano.

De seguida, tivemos a honra de ouvir o Presidente do Conselho Nacional para as Migrações e Asilo, Doutor António Vitorino, que abordou a questão migratória com profunda ponderação, imparcialidade e tato. Destacou que as opiniões mais extremas — desde aco-

lher todos os migrantes sem qualquer tipo de controlo até à defesa de um encerramento total das fronteiras por alegada falta de capacidade de acolhimento — embora aparentemente opostas, estão, na verdade, mais próximas do que se pensa. Para ilustrar essa ideia, recorreu a uma metáfora eficaz: tal como numa ferradura, cujas extremidades parecem afastadas mas, na realidade, estão muito próximas, também estas posições extremas partilham preocupações comuns. Reforçou, assim, a necessidade urgente de encontrar um equilíbrio entre essas perspetivas, assente na cooperação internacional. Só assim poderemos construir um mundo mais justo, mais receptivo e, sobretudo, um mundo onde cada migrante tenha a oportunidade de ser verdadeiramente feliz.

Após esta primeira sessão do dia, entre coffee breaks e momentos de convívio com colegas de dezenas de Escolas de todo o País, as duas equipas da nossa Escola Rainha Dona Leonor — representantes das delegações da Bélgica e da Letónia — prepararam-se para enfrentar o primeiro grande desafio do dia. Já divididos por grupos, cada um de nós seguiu para a sua Comissão especializada, organizada em áreas-chave como Governabilidade, Política Externa, Segurança, Educação e Economia/Sustentabilidade. Foi o início de um trabalho intenso, em que cada participante teve a oportunidade de debater, defender posições, trocar ideias, sair da sua zona de conforto e, sobretudo, procurar algum tipo de consenso no verdadeiro espírito da cooperação democrática.

Após algumas horas de intensas e produtivas trocas de ideias, cada um de nós, nas respetivas comissões, conseguiu alcançar um consenso. Participámos ativamente no processo — quer como proponentes, quer como signatários — em conjunto com representantes de outros países, contribuindo assim para a construção de propostas equilibradas e colaborativas, formuladas numa moção final por cada Comissão.



Antes do debate final, novamente no Auditório, onde todos puderam dar o seu parecer sobre aquilo que foi feito e construído ao longo do dia — com possibilidade de vetar ou aprovar as respetivas Moções — tivemos o privilégio de assistir a uma aula aberta pelo Professor Doutor Orlando Samões. De forma interativa e concisa, conseguiu introduzir as temáticas abordadas na licenciatura de “Ciência Política e Relações Internacionais” do IEP. Foi uma sessão bastante informativa, mas leve, nada maçadora ou densa em demasia, o que acabou por despertar em nós uma curiosidade genuína sobre o nosso futuro académico e profissional. Foi, sem dúvida, um momento relevante e enriquecedor.

Já no debate final — um momento em que, teoricamente, todos deveriam estar cansados, surpreendentemente estávamos bastante entusiasmados. Sentia-se um desejo coletivo de partilhar com todos o trabalho desenvolvido ao longo do dia. Cada moção foi apresentada com um toque tecnológico, através de um QR Code, permitindo que todos pudessem aceder ao conteúdo de forma rápida, facilitando o processo de deliberação conjunta com os delegados. E, por mais surpreendente que pareça, conseguimos aprovar as cinco moções criadas. Houve, naturalmente, alguma discordância e oposição, mas acredito que todos deram o

(Continua na página 19)

(Continuação da página 18)

seu melhor, mostrando criatividade e abordando o tema com a devida compaixão. No fim, estivemos todos à altura do desafio, revelando maturidade perante a complexidade dos desafios migratórios do século XXI.

Em suma, este foi um dia verdadeiramente fora do comum. Por algumas horas, tivemos o privilégio de nos colocar na pele dos delegados representantes de diversas nações, experimentando, ainda que brevemente, as exigentes responsabilidades que esses cargos implicam. Tal vivência exigiu de nós um pensamento crítico apurado e uma capacidade de resposta rápida, sempre

em sintonia com os desafios propostos.

O que conferiu ainda mais valor a esta experiência foi o facto de termos representado países com valores, interesses e visões do mundo profundamente distintos do nosso. Esse confronto com perspectivas tão divergentes revelou-se um desafio intelectualmente estimulante e, acima de tudo, gratificante.

Pessoalmente, acredito que a Cimeira das Democracias é uma iniciativa capaz de proporcionar um enriquecimento pessoal notável em poucas horas. Somos postos à prova, desafiados a dialogar, negociar e alcançar consensos com delegados de outras escolas, representando realidades culturais e políticas

diversas. Quem participa nesta Cimeira, com espírito aberto e genuína vontade de viver a experiência, não sai indiferente. Leva consigo não só novos conhecimentos, mas também uma nova forma de pensar e de se posicionar no mundo. É, sem dúvida, uma proposta inovadora, criativa e envolvente — um evento que recomendo vivamente a todos os que nutram curiosidade por estes temas e que queiram alargar horizontes, de forma inteligente e consciente.

Mariana Lapa

Coppélia ou a Rapariga dos Olhos de Esmalte

No dia 23 de abril, alunos do 10.º ano e do 12.º ano da Escola Secundária Rainha Dona Leonor, acompanhados com os seus respetivos docentes, rumaram ao Teatro Camões que, para quem não sabe, se localiza no Parque das Nações, em Lisboa, a fim de assistir ao espetáculo “Coppélia ou a Rapariga dos Olhos de Esmalte”, apresentado pela Companhia Nacional de Bailado.

O objetivo desta visita de estudo era adquirir novos conhecimentos e aprendizagens, além de alimentar a nossa cultura.

Durante incríveis duas horas e dez minutos, foi-nos dado a conhecer a história de um jovem casal, Swanilda e seu noivo, Franz, que se encantou por uma bela rapariga que aparecia frequentemente à janela do atelier do misterioso fabricante de bonecas, Dr. Coppélius, desconhecendo este que, na verdade, se tratava de uma boneca mecanizada: Coppélia. O jovem casal é então arrastado para uma série de mal-entendidos e aventuras cómicas deliciosas. Tudo acaba bem, com o casamento de Swanilda e Franz.

Este bailado explora, nomeadamente, o fascínio humano por bonecos autómato, presente desde o século XIX (data original do bailado) até aos nossos dias.

Os cenários grandiosos, os figurinos, o desempenho dos bailarinos (que transmitiram emoções apenas através da expressão corporal), a entrada e saída das personagens, bem organizada mas estonteante, a presença ao vivo da Orquestra de Câmara Portuguesa (dirigida pelo Maestro Pedro Carneiro), bem como uma iluminação expressiva, tornou este espetáculo maravilhoso e imperdível. A ovação em pé de centenas de jovens de diversas idades e de todo o país, comprova o quanto apreciaram o espetáculo.

Foi uma tarde tão entusiasmante e interessante, que a Companhia Nacional de Bailado nos proporcionou, que ficámos com vontade de voltar ao Teatro Camões.

Luís Mendes; Leonor Tavares



Fotografia de Hugo David (CNB)

PEACE

Pacience guides the weary mind.
Echoes fade when wars depart.
All embrace the hope we weave.
Calm in trust, we dare believe.
Endless nights-let love conceive.

João Gomes

BOOK

By the turn of the page, a story begins,
Open your heart, let it sink in.
Over each word, new places grow,
Knowledge and wonder start to flow.

Irene Santos, Carolina Lanita

Two Men One Summer

A traveller once met a man
A man with an owl on his hand
Stories of Summer they traded
Their love for the sun was celebrated
They loved the temperature of the sand

**Francisco Abreu and
João Campos**

In the dead of night

In the dead of night someone appeared.
It's a robber or a slasher I feared
But as lightning flashed
Through the window they crashed
And I froze as their footsteps I heard.

Artur Carneiro

Celebrar Abril

No dia 24 de abril, no âmbito de Ciência Política, alunos do 12.º ano de Línguas e Humanidades assistiram, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, ao espetáculo “Quis Saber Quem Sou”. Mais do que uma peça, foi um concerto teatral, uma experiência de reflexão não só sobre o passado mas também sobre o presente. Concebido por Pedro Penim, Diretor Artístico do Teatro Nacional D. Maria II, o espetáculo integrou as Comemorações oficiais dos 50 Anos da Revolução dos Cravos.

Desapegado de nostalgia vazia, o espetáculo foi feito com vozes novas e jovens em palco, que interpretaram canções que, apesar de escritas há mais de meio século, soaram incrivelmente atuais.

O título “Quis Saber Quem Sou” remete para a primeira frase da canção “E Depois do Adeus”, (interpretada por Paulo de Carvalho e vencedora do Festival da Canção de 1974), que, como se sabe, funcionou como primeira senha para a Revolução em 1974. Esta pergunta, simples, atravessa toda a peça como uma espécie de linha invisível: Quem sou eu? Quem somos nós? E mais importante: O que fazemos com

esta liberdade que herdámos?

A estrutura do espetáculo é deliberadamente fragmentada, como se estivessemos a folhear um álbum de memórias que em vez de fotografias tem canções como “Grândola Vila Morena”, “Acordai” e “Vira Bom”. O palco torna-se uma assembleia onde as vozes se misturam num único coro, mas todas com um desejo comum - fazer ecoar a liberdade.

O que mais me tocou foi o elenco. Jovens, muitos deles nascidos já neste século, que não tendo vivido a Revolução, carregam nos gestos, na entrega, na emoção com que cantam, toda uma atualidade onde a liberdade volta a precisar de ser defendida. A voz de Abril, afinal, continua a fazer sentido.

No final, e retificando as minhas próprias palavras, a sensação com que fiquei é que este não foi um espetáculo exclusivamente para relembrar o passado, mas para pormos os olhos no presente e o vermos com mais clareza.

Olhar para o presente com olhos de ver.

“Quis Saber Quem Sou” convida-nos a pensar o que significa “ser livre”, a reconhecer os sacrifícios daqueles que construíram os pilares da nossa democracia e faz-nos questionar: Que papel tenho e teremos, hoje e amanhã, na continuidade desta luta?

Neste tempo em que a única certeza aparente é a de que não há nenhuma certeza, este concerto teatral é um exemplo vivo de que a Arte ainda é capaz de reunir, emocionar, fazer pensar e, sobretudo, questionar.

Talvez a pergunta “quem sou?” seja a mais revolucionária de todas...

Francisco Santos



Foto: Filipe Ferreira (TNDM II)



No dia 30 de Abril, a turma 10*10 composta por vinte alunos, do Curso Científico Humanístico de Artes Visuais, visitaram, na companhia da diretora de turma, Lúcia Garcia Ribeiro, prof.ª de Geometria Descritiva A e da prof.ª de História e Cultura das Artes, Maria Goulão, a Faculdade de Arquitetura de Lisboa.

A visita teve a participação dos alunos em eventos, inscritos por eles, pois neste dia a Faculdade promoveu o dia aberto.

O interesse e a expectativa foi agradável permitindo deste modo, a abertura a novos horizontes e caminhos, removendo, esperamos nós, professores, as impossibilidades na vida.

Literature and science

Science fiction has long played a pivotal role in shaping the future of science and technology. Authors like Isaac Asimov and Jules Verne imagined possibilities far beyond their time—Asimov with his visionary ideas on robotics and artificial intelligence, and Verne with his groundbreaking concepts of submarines and space travel. These writers didn't just entertain; they inspired generations of scientists and engineers to turn fiction into reality. Sci-fi explores not only what could be invented but also the societal and ethical implications of those inventions.

The idea of geosynchronous orbiting satellites — satellites that remain fixed over the same point on Earth — first emerged in an article written by Arthur C. Clarke in the 1940s. In 2001: A Space Odyssey, this technology was already part of the backdrop of the futuristic world of the story. The vision became reality: today, these satellites are indispensable for TV, the internet, military communications and navigation systems such as GPS. What was once a theoretical hypothesis has become global infrastructure.

Before there was Siri, Alexa, or ChatGPT, there was HAL 9000 — the intelligent computer from 2001: A Space Odyssey. With voice, reason, and even emotions, HAL was one of the first realistic representations of an AI, and inspired generations of scientists to think about both the potential and the risks of thinking machines.

João Mendes and Lourenço Ferreira

On the 28th of April our school community had the opportunity to watch a selection of animated short films, a project made possible by the "Monstra Film Festival". These animated short movies were produced by filmmakers from many different countries, addressing topics that usually relate to self-reflection and social experiences.

One of the short films that I resonated the most with was "Hairy legs", by the Canadian filmmaker, Andrea Dorfman since it portrays an experience that is very relatable to us, teen girls.

It follows the story of a 13-year-old girl since the moment she faces the scary moment of having to shave her legs because of the pressure society puts on girls her age. During the shaving process the little girl ends up cutting herself and after that unpleasant situation she decides not to shave her legs ever again.

Since that day her life gets way happier and lighter while she enjoys riding her bike and playing around, with her perfectly normal hairy legs and without feeling that a part of her is missing... a part of her that had been taken by society. However, later on when she goes to college a sense of not belonging evades her: always too hairy to walk with the popular girls but always too standard to fight for women's rights with the activists.

She finally starts a path of self-discovery while holding onto her own ideas and never letting anyone tell her that she is not feminine or special enough. With that, she learns a lot about feminism and especially about how patriarchy and capitalism work together, when convincing women to buy certain products in order to be more "feminine" and while only having the purpose of making money from it.

In conclusion, it is an exciting story with amazing illustrations that reveals how important it is not to listen to what society thinks it's best for us because it doesn't represent true concern, it only works as a way to hide an unclear purpose behind it.

Margarida Barata

One of the short films that really stood out to me was a French one called "Acrobatas." Even though it was only 8 minutes long, it said more than many full-length movies do.

"Acrobatas" tells the story of Lili, a girl who is hiding the fact that she's gay from her family. The film uses a strong and uncomfortable image to show this: Lili has something in her mouth that she wants to spit out, but she's forced to keep it in while pretending everything is fine. Her family makes her play along, ignoring how she really feels.

That image stayed with me. It made me think about how hard it must be to

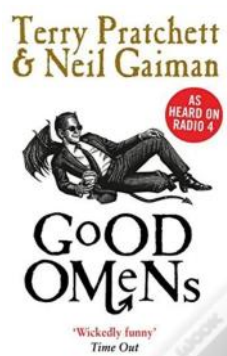


keep something so personal bottled up, especially around the people who are supposed to care about you the most. To me, this film isn't just about coming out, it's about the pressure to hide parts of yourself to make others comfortable. It's about feeling stuck between being honest and being accepted.

I think "Acrobatas" is a powerful reminder of how important acceptance and self-love are. It also shows how animation isn't just for fun, it can tell real, emotional stories that make us think and feel deeply. I appreciated how the film doesn't try to explain everything but rather makes us think about the feelings behind the images.

Maria Costa

Good Omens



"Good Omens" is a book published in 1990 by British authors Neil Gaiman and late Terry Pratchett. Gaiman and Pratchett were good friends and both

known authors with very different fanbases so decided to join forces to write the best-seller that became

"Good Omens".

The premise is a unique spin on catholic stories, specifically the coming of the apocalypse. The story follows an Angel and a Demon who have been on earth since the beginning, bonded over this shared love of humanity, as they try to prevent the end of the world and deal with their respective "sides", heaven and hell. There are some shenanigans involving misplaced babies, the antichrist, some witches and prophecies.

This book is an easy read with a simple structure and language while also hav-

ing a lot going on so I was never bored. The characters are fleshed out and interesting with the obvious highlight being the relationship between the leads and the implicit conflict that comes with their opposing roles in the universe.

I believe this book is very interesting and despite the controversies involving one of the authors it remains one of my favourites and I definitely recommend it.

Matilde Guilherme

How to treat a blind person

Hello everyone! Today, I want to talk about something I find very important: How to treat a blind person.

I got this idea for two reasons. First, last Christmas, I helped deliver food baskets to elderly people and blind people. While I was there, I noticed that some of my friends didn't really know how to act around blind people. They weren't sure how to greet them, how to help them move, or even how to start a conversation. The second reason is more personal. My grandfather has been blind since my dad was four years old. Because of that, I grew up knowing how to interact with blind people. But I realized that many people don't have that experience, so I decided to share what I know with you today!

1. Greeting a Blind Person

Let's start with something simple: saying hello. Many people don't know

if they should shake hands or not. The best thing to do is to say your name when you greet them. For example, instead of just saying "Hello," you can say, "Hi, I'm [Diogo]." This way, they know who is talking to them.

2. Helping a Blind Person Move

Sometimes, a blind person might need help walking somewhere. But you shouldn't just grab their arm and pull them. Instead, you should offer your arm and let them hold on your shoulders. This way, they can walk safely with you.

3. Talking to a Blind Person

When talking to a blind person, remember:

- Speak normally (don't shout or exaggerate).
- It's okay to use words like "see" or "look" (blind people use them too).

- If you leave the room, say goodbye, so they know you are gone.

Being around blind people is not difficult. They are just like us, but they use other senses to experience the world. The most important thing is to treat them with respect and kindness.

I hope you've learned something today! If so, next time you meet a blind person, you'll know exactly what to do. Thank you for paying attention to this topic!

Diogo Coelho



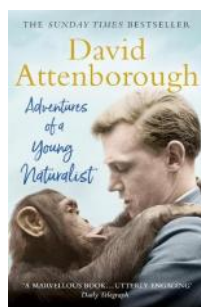
Digital inclusion: A matter of human rights?

Today's post is about something we often take for granted: internet access. We are sharing our opinion about why digital inclusion should be seen as a human right. We live in a world where education, health care, jobs, and even government services are increasingly online. But many people still lack access to the internet or skills to use it. That's just not a gap in convenience. It's a gap in opportunity and equality. Globally, millions of people are left behind because they can't connect or don't know how to use digital tools. This digital divide deepens social and economic inequalities. Even more worrying is that it often affects the most vulnerable groups - the poor, the elderly, and those in rural areas.

So, why don't we work together and push for policies that promote digital access to all? It's time to make digital inclusion the 31st global right!

**Camila Amaral, Letícia Camargos and
Madalena Pinto**

The Adventures of a Young Naturalist



David Attenborough's "The adventures of a young naturalist" is an engaging account of his early travels and discoveries in the natural world. In this book, he shares the experiences that sparked his lifelong passion for wildlife and conservation, giving readers a glimpse into his exciting adventures as a young man exploring remote places.

Attenborough's writing is clear and inviting, making it easy to follow his stories of adventure. His genuine excitement and curiosity about nature are contagious, and it's easy to feel like you're traveling alongside him as he describes the animals and landscapes he encounters. He does an excellent job of combining fascinating facts with personal stories, making the book both enjoyable and educational.

Throughout his journey, the book highlights the importance of caring for the environment and appreciating the beauty of the natural world. Attenborough's adventures not only show the wonders of nature but also reflect on the need to protect it for future generations.

We found the book inspiring and enjoyable to read. It's a perfect mix of storytelling and learning, and it made us want to explore nature more deeply. If you enjoy stories about wildlife, adventure or the natural world, we highly recommend this book.

Sílvia Fung and Carolina Marado

A Física e a Química no Dia do Agrupamento

No dia 4 de abril de 2025 no âmbito do Dia do Agrupamento, sob a égide do Subdepartamento de Física e Química do 3º ciclo/Secundário, realizou-se, na Escola Básica Eugénio dos Santos (EES) mais uma edição da atividade “Laboratório Aberto” que contou com a presença dos alunos do 4.º ano da Escola Básica de Santo António e na Escola Secundária Rainha Dona Leonor decorreu a atividade “Há Física e Química no Rainha” com os alunos do 4.º ano da Escola Básica de São Miguel.

Os eventos contaram com a presença e contributo de alunos do 3º ciclo e do ensino secundário que apresentaram um conjunto de atividades práticas que proporcionaram observações muito interessantes e lúdicas aos alunos do 1º ciclo. Estes ainda tiveram a possibilidade de realizar diferentes experiências divertidas e pedagógicas no domínio da Física e da Química, proporcionando-lhes a oportunidade de desen-

volver saberes e competências nestas áreas do conhecimento científico e tecnológico.

É de realçar o elevado envolvimento e responsabilidade dos alunos que atuaram como monitores e o elevado interesse dos alunos convidados.

Este tipo de projeto é constituído por momentos essenciais que possibilitam o protagonismo dos alunos no processo de construção do conhecimento. Pretende-se ainda popularizar a divulgação da ciência e motivar os mais jovens pelo gosto das ciências, aspeto muito importante, quer para o seu sucesso como estudantes, quer para despertar nestes jovens o interesse pelas ciências e tecnologia.

Os professoras responsáveis.



POETRY FOR THE PLANET

People have a funny way to love,
Love people, love places, love art,
Art to embody ourselves, embody our loved ones, embody nature.
Nature which we are killing.
Extraordinary, isn't it?
The way we can kill something even though we love it,

Even though nature is a part of ourselves.
Are we killing ourselves? Or are we not a part of nature?
Really, can we survive without the planet Earth?
The way we care for it doesn't really show we love it, so this heart
Heart with which we seem to love is as black as the planet we are creating.

Tomás Esteves

Without an ounce of remorse,
Indifferent to us, you take our habits by force
Long ago, we lived in harmony with mankind
Due to your greed, we've now been cast aside

Listen to our cries as you slaughter us for a quick penny,
It's not out of instinct that you kill, it's for easy money
Forests, glaciers, oceans carelessly destroyed
Earth never intended for you to play god

Vera Carvalho

Unsalvageable. My body, once wild and
untouched, is now burned, plucked bare.
They called me useless, a soul never meant to be held.

I was beauty, wild and pure.
My touch was soft like spring winds,
my hair untamed like ocean.

Now, I cry alone. My hands, once cradling life,
Now grasp at ruin. But still, I long to comfort,
to run my fingers through tangled hair,
to hush the cries of those who hurt me
yet still beg to stay.

Mariana Fragoso

The Psychology of Colors: Do we really see the world as it is?

Have you ever stopped to think about how much colors affect your life? We choose what to wear based on colors, companies spend millions deciding which colors to use in their logos, and we even associate emotions with different colors (...). But here's the thing: what if the way you see these colors isn't the same as the way I see them?

As I am colorblind, this question has always fascinated me. For most people, color is something obvious. You look at the sky and just know it's blue. You pick out clothes and immediately recognize which colors match. But to me that isn't so simple. I've spent years wondering whether I actually see colors or just memorize them based on what people tell me.

I first realized I was colorblind at primary school. I had a set of colored pencils, and I always used the same shade of blue for the sky. One day, I lost that pencil and grabbed another one that looked similar to me. I kept using it until the teacher pointed out that I had been coloring the sky lilac. That moment completely changed the way I saw the world, literally. If I had been so sure I was using that "blue", then how many other colors had I been seeing "wrong" my whole life? That was just one moment among many. Later, I remember, I bought a sweater that I thought was gray, but eventually someone told me it was actually green. Last year, I was following a color-coded map and got completely lost because I couldn't tell the difference between red and brown lines.

But this goes beyond just being colorblind. The more I thought about it, the more I realized that none of us can ever truly know if we see colors the same way. What if what I call "red" looks completely different to you, but we both call it like that because we've been taught to? What if every person experiences colors in their own unique way, but we'll never know because we can't see through someone else's eyes? It's something people don't usually think about because they assume colors are universal, but the reality is that our perception of them is shaped by many factors, like biology, memory, culture, and even language...

For example, did you know that in some languages, there's no separate word for blue and green? In certain cultures, they're considered variations of the same color. Imagine if you grew up in a place where no one made a distinction between those two colors. Would you still see them as different or would your brain simply accept them as one? That makes me wonder how much of what I see is really based on my eyes and how much is based on what I've been taught.

And then there's the question of how colors affect our emotions and decisions. Even though color might seem like just a visual experience, it actually plays a huge role in the way we think and behave. That's why companies carefully choose their brand colors. Red and yellow make people hungry, which is why they're used for fast-food restaurants. Blue makes people feel safe, which is why banks and social media platforms use it. Luxury brands (...) use black because it represents elegance and exclusivity. Hospitals and medical

brands often use white or light blue because these colors give a sense of cleanliness and calmness.

But this goes beyond marketing. Colors also influence the way we judge people. Imagine you're in a job interview, and the interviewer is wearing a bright neon green suit. You'd probably find it very strange, right? That's because we associate dark, neutral colors with professionalism and bright colors with playfulness or creativity. We don't always realize it, but we make quick judgments about people based on the colors they wear. And this brings me to another interesting point: If colors influence us so much, what happens when someone like me, who is colorblind, doesn't see them the same way? If a brand uses blue to make people feel calm, but I see it as gray, does it still work? If someone carefully chooses their outfit to create a certain impression, but I can't tell the difference between their colors, does that change how I see them?

(...)

One of the biggest misconceptions about colorblindness is that people think I see the world in black and white. That's not true at all. Most colorblind people can still see colors - we just confuse certain shades. I struggle to tell the difference between blue and purple, red and brown, and green and gray. Because of that, I've had to develop tricks to navigate a world that depends so much on color. For example, when I buy clothes, I don't always rely on what I see - I rely on memory and labels. If someone tells me a shirt is green, then in my head, it's green, even if it looks different from other "greens" I've seen. Over time, I've realized that, for me, color isn't just about vision, it's about association. If I learn that a certain object is a specific color, then that's what it is to me, even if I don't see it the same way as everyone else.

Science tells us that color is just the way our brains interpret different wavelengths of light. But if my brain interprets them differently than yours, does that mean I live in a different version of reality? If two people look at the same object and see slightly different shades but have been calling it the same name their whole lives, does it really matter? And maybe that's the most interesting thing about color. It's not just something we see, it's something we experience. Whether we're aware of it or not, color influences our emotions, our decisions, and even the way we think about the world. But at the same time, it's one of the most personal and individual experiences we can have.

(...)



Santiago Farinha

Que curso é que eu vou escolher?

Muitos alunos, especialmente do 9º, 11º e 12º ano estão, neste momento, bastante ansiosos com a escolha que se aproxima, têm de escolher o curso do ensino secundário ou do ensino superior, ou seja, têm de tomar uma decisão sobre o seu futuro, têm de escolher “o que vão fazer quando forem grandes”.

Faço Orientação Escolar e Profissional, ou Vocacional, há 28 anos. Por outro lado, não me esqueci do que eu e os meus amigos, os meus irmãos, ou os meus sobrinhos, sentiram nestas alturas. Sempre foi assim, mesmo aqueles que já sabiam desde cedo o que queriam ser, tiveram as suas dúvidas, mais cedo ou mais tarde.

A conjuntura social e política que vivemos, agora, em Portugal e no mundo inteiro, vem colocar ainda mais questões e dúvidas. Por outro lado, com a velocidade a que as novas tecnologias e, especialmente, a inteligência artificial tem avançado, mostra-nos que temos cada vez mais profissões que podem ser substituídas pelas máquinas.

Eu tendo a olhar para o lado positivo, tento não dramatizar e também acho importante lembrar que este receio tem sido recorrente cada vez que surge uma nova descoberta ou tendência. Os mais velhos lembrar-se-ão da música – “Video killed the radio star” que sabemos hoje, 46 anos depois, que não é verdade.

É verdade que muitas profissões desaparecem mas eu estou em crer que outras terão de surgir também.

Quando tomamos uma decisão relativamente ao nosso futuro académico e profissional, primeiro que tudo precisamos de saber que cursos e profissões existem. Para tal é preciso estar atento(a) ao mundo que nos rodeia, falar com pessoas, com alunos, com os profissionais e, se possível, acompanhar um profissional no seu local de trabalho.

Também precisamos de tentar perceber qual a necessidade que se prevê que esse curso ou profissão venha a ter, qual a taxa de empregabilidade e perceção de futuro dessa profissão.



Depois, tendo sempre em mente o que se gosta, porque não há nada pior do que estar a fazer algo de que não gostamos e estamos a escolher a nossa profissão e não uma simples atividade de um ou dois dias ou um passatempo, tomamos a nossa decisão.

Costumo dizer aos meus alunos que as nossas escolhas só são erradas se não forem ponderadas. Qualquer que seja a escolha que temos de fazer, deverá ser sempre o mais informada possível. É garantido que vamos ter sucesso? Embora a probabilidade seja maior, nem sempre é assim o que pode ter a ver com vários fatores dos quais nem sempre temos total responsabilidade.

No entanto, independentemente da escolha que se faça, as nossas competências base, ou seja, as nossas soft skills, vão ter um peso bastante maior no nosso futuro, no nosso desempenho como alunos, como profissionais e, na nossa capacidade de adaptação a novos desafios do que a escolha em si.

São várias as competências essenciais para o sucesso, mas destaco a empatia; capacidade de comunicação com os outros; de gerir emoções; a flexibilidade; ter um pensamento crítico; saber ouvir o outro; saber esperar; gerir conflitos; ser humilde; ser verdadeiro; saber liderar; saber negociar; saber expor as ideias e as dificuldades; falar em público.

Como podemos ver nesta imagem, para termos sucesso, vermos resultados, precisamos de: risco, disciplina, sacrifícios, desilusões, ação, falhas, bons hábitos, coragem, trabalho árduo, persistência, oportunidades, dúvidas e esforço.

Boas decisões, boa sorte para as notas que aí vêm, para quem vai fazer exames e boas férias, quando elas chegarem 😊

Joana Fança



Com o CREM...

Os alunos procuram a biblioteca escolar (BE) e nem sempre o fazem para requisitar material para a sala de aula. Também a procuram para utilizar voluntariamente os recursos informáticos e lúdicos no desenvolvimento da sua atividade escolar e extracurricular. Nomeadamente, no projeto “Voluntariado de Leitura”, junto de alunos do ensino básico, nas disciplinas de Português e de Inglês, e em momentos de promoção da leitura, envolvendo entidades externas ao nosso Agrupamento, como por exemplo o concurso Miúdos a Votos, no ensino secundário com a participação de professores e pais e encarregados de educação cuja obra vencedora tem o título “Admirável mundo novo”, escrito por Aldous Huxley.

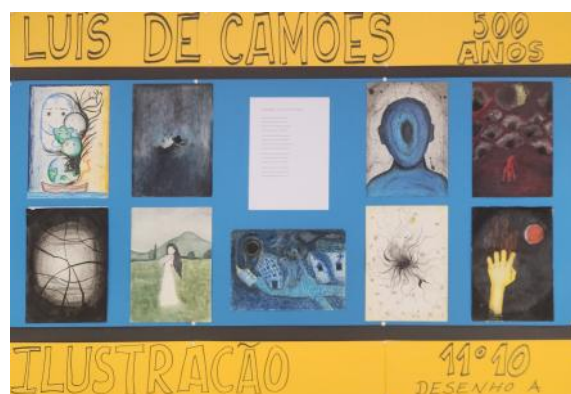


Livro preferido pela comunidade escolar.

Em ato promovido pela RBE e pelo PNL pelas comemorações do V Centenário do Nascimento de Camões com a iniciativa “Camões, Engenho e Arte”, coincidente com a Semana da Leitura, o CREM, em conjunto com as restantes Bibliotecas Escolares (BE), lançou o livro “Poesia Livre”, escrito de forma coletiva com a participação de toda a comunidade escolar, no ano letivo anterior, aquando da criação de trabalhos escritos numa celebração pela Liberdade e os 50 anos pela Revolução dos Cravos, liderado pelo professor bibliotecário (PB) António Cardoso. A professora Paula Lima, juntamente com uma turma do 11º ano, também participou com trabalhos expostos num painel do CREM, no âmbito da celebração dos 500 anos de Camões. (<https://www.rbe.mec.pt/np4/camoes-engenho-e-arte.html>)



Cartaz do lançamento do livro



Painel dos 500 anos de Luís de Camões

Os alunos voluntários do ensino secundário, para além do apoio que deram ao CREM, colaboraram na decoração nata-

lina deste espaço, criando coroas e uma árvore de Natal, resultando no postal natalino da Biblioteca Escolar, com peças em origami e recurso à inteligência artificial (IA).



Decoração natalina na porta principal

Postal natalino com recurso à IA

Após vários pedidos dos alunos para a dinamização de um torneio de xadrez, os PB das escolas Rainha D. Leonor e Eugénio dos Santos lançaram um campeonato de Xadrez juntando alunos dos 3º ciclo e ensino secundário num torneio inovador no nosso Agrupamento, com o confronto final entre alunos de ambas as escolas na última semana de aulas.

Cartaz do I Torneio de Xadrez AERDL



Outras atividades foram promovidas junto de alunos e professores, como por exemplo, a construção de um Guia de Elaboração de Trabalhos Escritos (GETE), com utilidade para a comunidade educativa do AERDL, dos ensinos básico e secundário, com a inclusão de guiões orientadores para a criação de trabalhos escritos em qualquer suporte, especialmente com recurso à Internet e à Inteligência Artificial (IA), exemplificando como citar e referenciar os autores dos textos consultados. Como por exemplo (clique em): [Como citar e referenciar](#); [Avaliação de informação na Internet](#); [Vais fazer um trabalho de pesquisa?](#); [Avaliação de páginas de Internet](#); [Desinformação](#); [Literacia da Informação pelo Modelo Plus](#) (Ens. Sec.); [Pesquisa de informação - The Big 6](#) (1º e 2º ciclos); entre outros para breve na tua BE.

Por fim, mas não menos importante, as Bibliotecas Escolares, com alunos dos 9º ao 12º anos, estão a preparar palestras sob o tema da xenofobia, com atividades práticas após a visualização de curtas metragens, tendo como objetivo reconhecer e sensibilizar a comunidade escolar para a identificação de ações simples que levam a preconceitos irrefletidos para com situações quotidianas, dentro e fora da escola.

Neste sentido, se é do teu interesse, vai a uma Biblioteca Escolar e contacta o professor bibliotecário ou acompanha as nossas novidades pelos endereços eletrónicos <https://crem2.webnode.pt>, <https://be-eugeniosantos.webnode.pt> e <https://rainhaprimeirociclo.webnode.pt>.

Hoje vou falar-vos acerca do Diogo.

O Diogo foi meu aluno nos anos letivos de 2012/2013 e 2013/2014, quando frequentava o 10.º e o 11.º anos de escolaridade na Escola Secundária Rainha Dona Leonor.

O Diogo não tinha notas brilhantes. Não era o aluno com as classificações mais altas da turma, nem aquele que se destacava no quadro de mérito. Mas o Diogo tinha algo mais valioso, além de ser muito simpático e educado, era um jovem determinado e perseverante, que tentava, diariamente, superar-se. Além disto, e por causa disto, era profundamente respeitado e estimado — pelos colegas, pelos professores, por todos os que com ele se cruzavam. E era fácil perceber porquê. O Diogo dava o seu melhor, sempre.

O Diogo tem uma perturbação do espe-

tro do autismo. Mas por decisão dos pais — e pela sua própria vontade — não estava sinalizado como aluno com necessidades educativas especiais. Não pedia adaptações. Não esperava facilidades. Lutava com as suas limitações de forma silenciosa, determinada, e, muitas vezes, vencia. Outras vezes, não. Como qualquer um de nós.

A certa altura, os colegas descobriram que o Diogo, com a sua calculadora gráfica comprada em segunda mão, tinha conseguido programar um jogo com pássaros a voar, cujo objetivo era apanhá-los. Um jogo simples, mas absolutamente fascinante para quem, como eles, soube ver para além do ecrã. Nesse momento, algo mudou. O Diogo, que muitos ainda viam como “diferente”, passou a ser visto como genial. Como um exemplo. E ganhou o que sempre mereceu: admiração.

Hoje, o Diogo é licenciado e mestre em Engenharia Informática. E não é apenas um apaixonado pela tecnologia — é um profissional na área. Trabalha como Consultor numa empresa de software e inovação, e continua, com certeza, a programar muito mais do que jogos: soluções, sistemas, ideias. Continua a construir o seu caminho, com o mesmo espírito com que encarava os desafios que os seus professores lhe entregavam — com persistência, foco e uma enorme dignidade.

Escrever sobre o Diogo é também uma forma de lhe prestar homenagem, assim como a todos os que lutam com coragem e persistência para se tornarem melhores e melhorarem o mundo à sua volta.

Muito obrigada, Diogo!

Fátima Magalhães

E assim de despeço

Já cá estou há muitos anos. Diria que conheço as funcionárias da minha escola como a palma da minha mão, mas acho que até as conheço melhor. Não olho assim tanto para a minha mão, e cruzo-me com as funcionárias todas as manhãs.

Fiquei para trás. Troquei de área e tal, chumbei por faltas e tal, o habitual. As opiniões relativamente ao assunto variam por um espectro com dois extremos: “Estás atrasada face aos teus colegas! Tens que te despachar”- esta costuma vir da família - “Tens muito tempo, faz parte” - que costuma vir dos meus conhecidos. Mas há um comentário comum, que vem de todos os que posso considerar amigos e queridos: “Vais adorar a faculdade.”

Sei que vou. Mas essa ideia deliciosa vem com um senão: deixarei de ser estudante da minha querida escola. Que faço com estes nomes de professores, caras de colegas? Com a planta dos corredores bem arrumadinha no canto do meu cérebro que permite percorrê-los por instinto? É difícil arquivar estes tão detalhados detalhes. Visualizo-me a colocá-los num dossier na prateleira, e custa-me.

Digo que virei visitar a escola, e custa-

me. Afastar-me destas oficinas e projetos de secundário, não fazer parte desta teia de horários e turmas que a secretaria se esforça tanto para manter no lugar, não sei explicar o quanto me inquieta. E digo por aí que estou entusiasmada, não minto, mas não partilho este agri-que vem com o doce de ir embora da minha tão querida escola!

Não sei se o número de alunos que se sentem tão rainianos da mesma forma que eu chegariam para encher o auditório. É que sou daqui e por aqui. Encontrei o meu lugar junto à janela e escolhi abrir os manuais como quem abre um sorriso.

Deixo uma mensagem para os alunos que ficam, que chegam, e que chegarão:

A escola é para viver para além das notas, das médias, da ânsia que sentem pelas férias. Passarão tanto tempo aqui, nestes corredores bege e amarelos, não se aflijam e não fujam, façam destas salas a vossa segunda casa! Riam-se dos projetores que falham ubiquamente, não dos vossos colegas! Apreciem a entrada em fila indiana nas salas de aula que desafiarão cada pontinha dos vossos neurónios a aprender a arte, os códigos, as ciências e experiências que vos permitirão mudar o mundo. Sim, há um intervalo no final, e brinquem, brinquem o

que tiverem para brincar, sabendo que estão numa escola com professores, funcionários e tantos colegas que vos querem bem! Corram para as oficinas e clubes, aí encontrarão as sociedades secretas rainianas.

Enfrentarão desafios inimagináveis para mim neste momento, que farão inevitavelmente parte do vosso caminho académico. É para enfrentar com ímpeto e pompância. Colega, digo-te que não estás sozinho. Uma escola é um estabelecimento que te pode parecer frio, mas aceitar apoio e pedir ajuda quando precisas, aí sim sentirás o seu carinho!

Deixo-vos o meu conselho. Estudem muito e façam-no bem, mas não se esqueçam que quando fecharem os manuais o fizeram por vocês e por um mundo que conta convosco...mantenham o Rainha um lugar de crescimento, aprendizagem, ócio e respeito. Posso, em nome da comunidade de estudantes, contar com a vossa ajuda? Cuidem bem da minha escola, por favor. Não sei quando volto, mas sei o que gostaria de ver: alunos que o sejam orgulhosamente, e uma escola que siga em frente, unida e contente!

Boa sorte, rainhers! :)

Helena La Puente

Ser diretor(a) de turma ...

Há muitos anos que o sou e, como talvez não o volte a ser, quero deixar umas palavras sobre o que tem sido para mim ser diretora de turma, e que, no meu entender, ultrapassa as competências atribuídas ao cargo.

Ser diretor de turma é conhecer os alunos para além da sua assiduidade, pontualidade, avaliações e comportamentos.

É ser um construtor de pontes entre alunos e professores, entre escola e família, entre a realidade escolar e a vida lá fora.

É ser alguém que precisa constantemente de saber comunicar, mediar conflitos, explicar contextos, gerar empatia e criar entendimento mútuo.

Ser diretor de turma é ser conselheiro, mediador, às vezes quase psicólogo, outras vezes quase mãe ou pai. É ser exemplo, referência e apoio.

Ser diretor de turma é, no fundo, estar lá, no momento certo... com atenção, com cuidado, com humanidade. É saber que, de alguma forma, deixamos marca, até nos momentos em que nos zangamos, e sobretudo nesses momentos, e porque nos importamos, nunca desistimos de promover valores de responsabilidade, cidadania, solidariedade e empatia.

É cansativo?!... Sim!! Mas é também extremamente reconfortante e recompensador perceber como estes adolescentes se vão tornando jovens cidadãos cada vez mais responsáveis e empenhados em construir uma sociedade mais justa e solidária.

Por isso, agora que chega a hora de me despedir, como diretora da turma C, do 9.º ano, (meus alunos desde o 7º ano), nunca é demais voltar a lembrar-lhes a importância de nunca desistirmos de fazer sempre melhor, desejando-lhes as maiores felicidades na (s) nova(s) etapa(s) da vida deles e que nunca se esqueçam de que, *à vontade não é à vontadezinha!*

Professora Conceição Ganhão

Saudade antecipada da professora Manuela Ramos

Professora Manuela,

Este sentimento é conhecido e tão fácil de reconhecer... não sei bem como o colocar em palavras. Qualquer uma soa fria ao lado de um abraço que talvez seja, para além de um olhar, a única forma de a saudade se expressar.

Esta é daquelas que ainda não o são. Não se sente como a falta que se diz por aí, que é como deve ser. É antecipada e não nos sabe tão salgada. Mas, grão a grão, vejo-a crescer e ameaçar acontecer-se.

Professora, a sua presença é-me doce. Tivemos conversas feitas de açúcar e deu-me conselhos de mel. Ensinou-me uma coisa parecida com amor, e o ato de o colocar num papel.

Apreciarei para sempre o seu apoio e lembrarei sempre o seu jeito corajoso de existir autenticamente. Quero dizer que sentirei para sempre este eufemístico sentimento. Mas não posso. Sei que chegará o dia, que se aproxima lentamente, em que esta saudade que se tornará como se diz por aí, salgada... por agora posso-me entreter: ainda é doce, contente, e será sentida antecipada até que deixe de o ser e se torne, num adiado e demorado instante, apenas saudade.

Helena La Puente